



Estilos musicais

Forró, a festa que virou gênero musical



Pelo décimo ano consecutivo, a Casa do Brasil celebrou sua **Festa Junina** (ver *JornalDaCasa* # 1 e 22), o sábado **28 de junho**, no **Salón Arrau**, ubicado em Edil Hugo Prato 2333, esquina Cassinoni. Como sempre, o público desfrutou de comidas e bebidas típicas, jogos, casamento matuto, sorteios, quadrilhas (ver *JDC* # 22) e música de xote, xaxado, baião e forró, com a participação **ao vivo** do grupo convidado **Ronco do Fole**.

O nome forró deriva de **forrobodó**, "divertimento pagodeiro", segundo o folclorista Câmara Cascudo. Tanto o pagode (que hoje designa samba) como o forró são festas que foram transformadas em gêneros musicais. O forrobodó, "baile ordinário, sem etiqueta", também conhecido por arrasta-pé, bate-chinela ou *fobó*, sempre foi movido por vários tipos de música nordestina (baião, coco, rojão, quadrilha, xaxado, xote) e animado pela pé de bode, a popular sanfona de oito baixos. Uma versão fantasiosa chegou

a atribuir a origem do forró à deturpação da pronúncia dos bailes **for all** (para todos), que no começo do século os engenheiros ingleses da estrada de ferro Great Western, que servia Pernambuco, Paraíba e Alagoas, promoviam para os operários nos fins de semana.

Com a imigração de grandes camadas da população nordestina para a região sudeste, inúmeras casas de forró foram abertas geralmente nas periferias antes de tornarem-se modismo entre parte da juventude e estabelecer seus domínios nas regiões mais abastadas. No Rio de Janeiro, um dos mestres da matéria, o compositor maranhense **João do Vale**, despontava no Forró forrado no bairro central do Catete, no final dos 70. No nordeste, as cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) disputam hoje a cada **festa junina** o título de capitais do forró com festejos de longa duração capitalizados como eventos turísticos que arrebanham multidões de visitantes.

JornalDaCasa é uma publicação de CasaDoBrasil | Editor: Leonardo Moreira

Web: www.casado brasil.com.uy | Mail: jornal@casado brasil.com.uy |   

Pioneiro na difusão da música de sua região no eixo Rio-São Paulo, o sanfoneiro **Luiz Gonzaga** do Nascimento (ver JDC # 10 e 15) pode ter sido o primeiro a registrar o termo em disco no *Forró de Mané Vito*, parceria com **Zé Dantas**, em 1949. Entre outros temas desenvolvidos no mesmo ambiente, ele perpetuou *Derramaro o Gai* e *Forró do Quelemente*, ambos com Zé Dantas, nos anos seguintes. E mais: *Forró no Escuro* (1958), *Numa Sala de Reboco* (1964), com **José Marcolino**, *Forró de Pedro Chaves* (1967), *Fole Roncou* (um *forrock* com **Nelson Valença**, em 1973), *Retrato de um Forró* (com **Luis Ramalho**, no mesmo ano), *Forró de Ouricuri* (1983), *Forrofiar, Danado de Bom* (1984), *Forró do Bom* (1985), *Forró de Cabo a Rabo* (1986), *Forró Gostoso* (1988), os últimos seis em parceria com **João Silva**. Emérita forrozeira, a cantora **Marinês** (e sua Gente) atribui ao paraibano **Jackson do Pandeiro** (José Gomes Filho, 1919-1982) a responsabilidade pela implantação do forró no mercado sulista a partir do estouro de sua gravação de *Forró em Limoeiro* (Edgar Ferreira), em 1953. Clássicos criados por ele como *Sebastiana* (Rosil Cavalcanti), *A Mulher do Aníbal* (Genival Macedo/ Nestor de Paula) e *Um a Um* (Edgar Ferreira), regravados de Gal Costa aos Paralamas do Sucesso, e os específicos *Forró em Casa Amarela*, *Na Base da Chinela*, *Forró em Caruaru*, *Forró de Surubin*, *Forró na Gafieira*, *Forró do Zé Lagoa* ao lado da imagem dançarina –em dupla com sua mulher na época, Almira Castilho– contribuíram para fixá-lo como rei do ritmo.

A influência de Jackson, celebrada em *Jacksoul Brasileiro* pelo pernambucano Lenine, motivou um grupo, o **Cascabulho**, a especializar-se em sua obra e resultou no CD tributo *Revisto e Sampleado* com participações de Gal Costa, Chico Buarque, Zeca Pagodinho a Fernanda Abreu, Paralamas e O Rappa. Já no tributo *Baião de Viramundo* grupos do movimento mangue beat e adjacências como Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, Sheik Tosado, Stela Campos, Mestre Ambrósio, Otto, DJ Dolores, Comadre Florzinha reagravaram um Gonzaga de pique eletrônico. Os discípulos da dupla contam-se de **Gilberto Gil, Antonio Barros &**

Cecéu a Alceu Valença, Fagner, Nando Cordel, Jorge de Altinho, Geraldo Azevedo e Elba Ramalho. Também o pernambucano José Domingos de Moraes, o **Dominguinhos** (foto), contribuiu para estabelecer o primado semântico do forró que acabaria engolindo outros estilos. Apadrinhado por Luiz Gonzaga, incentivado pelos tropicalistas (seu parceiro em *Lamento Sertanejo* e *Abri a Porta*, Gilberto Gil estourou *Eu Só Quero um Xodó*, de Dominguinhos & Anastácia), o sanfoneiro de Garanhuns sempre reservava em seus shows uma parte para improviso instrumental de sanfona. Esse trecho apresentado como "forrozinho do Dominguinhos" ajudou a cristalizar o gênero formado por vários estilos e praticado há anos na periferia do mercado por sanfoneiros como **Abdias, Pedro Raimundo, Zé Calixto, Zé Gonzaga e Zenilton**, entre muitos.

De **Sivuca e Chiquinho do Acordeom a Oswaldinho, Severo e Waldonys**, além de mais novos como o híbrido (sertanejo paulista) **Miltinho Edilberto** e os grupos do Rio, **Forroçacana, Trio Forrozão e Para Todos**, o espírito gregário e extrovertido do gênero dançarino mantém um idioma comum. Hoje há até uma contrafação diluída (com tecladaria substituindo a sanfona), apelidada *ó xente music*, onde reinam grupos de grandes vendagens como **Mastruz com Leite, Limão com Mel** e solistas como **Frank Aguiar**, vulgo Cãozinho dos Teclados. Sobrevivendo aos modismos, às bruscas mudanças do mercado fonográfico e ao desaparecimento de alguns de seus principais representantes, o forró resiste pela obra de centenas de músicos de enorme talento e pouca visibilidade, que o sustentaram como a principal expressão musical dos nordestinos.



Ao pé da letra

Severina Xique Xique

Existe um tipo de humorismo musical, popularesco, muito apreciado no Nordeste, baseado na utilização de palavras de duplo sentido e expressões de sonoridade ambígua, que facilitam interpretações maliciosas. Vindo dos tempos de Jararaca e Ratinho, o gênero radicalizou-se nas últimas décadas do século, quando teve como artista mais bem-sucedido o cantor/compositor/humorista **Genival Lacerda**. Paraibano de Campina Grande, concunhado de Jackson do Pandeiro, ele aproveitaria o convívio com o parente para firmar o seu estilo, igualmente calcado na agilidade rítmica. Após viver um período no Rio de Janeiro, entre 1964 e 1973, em que recebeu o convívio de Jackson e gravou o primeiro disco, *O Rei da Muganga*, o espirituoso Genival voltou para Campina, onde passou a comandar o programa “O Forró do Seu Vavá”, na Rádio Borborema. Nesse programa, renovaria o repertório que, com a aprovação de Luiz Gonzaga e do concunhado, lhe possibilitaria a gravação de um novo elepê, intitulado *Aqui tem Catimberê*. “Severina Xique Xique” foi a faixa que fez este disco ultrapassar a marca de **800 mil cópias** vendidas, a maior parte no Nordeste. A partir dessa façanha, Genival – o Muganguero Alopado ou Senador do Rojão, como gosta de ser chamado – popularizou-se no país, com sua imagem pitoresca em que ressalta o chapeuzinho gelô, de aba dobrada, engomado a ferro quente. Dançando xaxado com uma leveza assombrosa para o tamanho de sua pança, ele contabilizaria ainda sucessos como “Radinho de Pilha”, “Mate o Véio, Mate” e “De quem é esse jegue?”.

Quem não conhece Severina Xique-xique, que montou uma butique para vida melhorar. Pedro Caroço, filho de Zé Vagamela, passa o dia na esquina fazendo aceno para ela.

Ele tá de olho é na butique dela!
Ele tá de olho é na butique dela!

Antigamente Severina,
coitadinha, era muito pobrezinha,

ninguém quis le namorar.
Mas hoje em dia só porque tem uma butique,
pensando em lhe dar trambique,
Pedro quer lhe paqueirar, haih.

A severina não dá confiança, Pedro,
eu acho que'la tem medo de perder o que
arranjou.
Pedro Caroço é insistente, não desiste,
na vontade ele persiste, finge que se
apaixonou, haih.

Severina, minha filha não vai na onda de Pedro.
Olha! ele só tem interesse em você, sabe
porquê?
Por que você tem uma botique, minha filha!
Agora você querendo um sócio, olha aqui seu
Babá.
Hahahahai... passa-lá Severina! Lá ta tão
bonzinho agora!
Oh meu Deus, xau!.

O Severina, como é? Resolve minha filha!
Se quiser, pisiu, passa-lá! Hahai...
Ai Jesus, olha se tu não vier já tem uma loira!
Dona Graça ta lá! hiheiehee ai, xau!



Discos onde ouvir

Genival Lacerda – *Aqui tem Catimberê* (1975)
Wando – *Retratos* (2004)
Forrôçacana – *O melhor forró do mundo - ao vivo* (2004)

Telas e telinhas

O Ano em que o Mundo descobriu o Brasil



A identidade nacional de um país não se faz apenas pela integridade de seu território, mas sim, e principalmente, pela identidade cultural que aproxima e une seus cidadãos. Nesse sentido, o futebol inquestionavelmente é um traço dos mais marcantes da brasilidade. Por tal razão, continuando seu Ciclo Cultural 2014 “Brasil Mundial”, a Casa do Brasil exibiu o filme **1958: O Ano em que o Mundo descobriu o Brasil** (José Carlos Asbeg, 2008), que narra a história da conquista da primeira Copa do Mundo de futebol na Suécia, contada por seus próprios protagonistas. Naquele ano, o clima no Brasil era de euforia, com o “milagre econômico” de Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília e o surgimento da Bossa Nova, movimento musical que colocou o país em evidência mundial. No futebol, porém, a euforia era menor, com o povo ainda ressentido pelo fracasso de 1950.

Como bem conta o documentário, para a Copa de 58, a seleção brasileira montou um esquema que primava pela organização; a delegação contava até mesmo com um psicólogo. Com um futebol ofensivo, o Brasil venceu cinco das seis partidas, marcou 16 gols e sofreu apenas quatro. Cada jogo uma história, uma epopeia: sustos, superações, pequenos heroísmos. No filme, aprecia-se como tão importante quanto o título, foi a revelação para o mundo da genialidade precoce de **Pelé**, então com apenas 17 anos, e do fenômeno lúdico de **Garrincha**, o maior

driblador que os campos já conheceram. Ao lado deles, um timaço que mesclava veteranos e novatos, que tinha a classe de **Gilmar**, a liderança de **Nilton Santos**, a categoria de **Didi**, a raça de **Bellini** (ver JDC # 37) e de **Orlando**, o pulmão de **Zagalo**, a valentia de **Vavá**, o equilíbrio de **Zito** e a regularidade de **De Sordi** e de **Djalma Santos**.

O documentário rememora algumas curiosidades incríveis. **Pelé**, por exemplo, usou a camisa 10 na Copa de 58 por acaso. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) deixou de enviar para os organizadores a numeração. Quando chegou à Suécia, recebeu a lista com numeração feita por eles. O goleiro **Gilmar** jogou com o número 3. E **Pelé**, por sorte, recebeu a **camisa 10**.

Apesar de muitos jogadores já terem negado, a entrada de **Pelé** e **Garrincha** no time em 1958 foi uma imposição dos próprios jogadores. **Nilton Santos** liderou o grupo e falou com técnico **Feola**, após o empate em 0 a 0 com a Inglaterra.

Na final da Copa, o sorteio determinou que a Suécia ficava com direito de jogar de camisa **amarela**. O problema é que o Brasil só tinha camisas amarelas. Foi preciso então comprar um jogo de camisas azuis e, na véspera, foram bordados os números e o escudo da CBD.

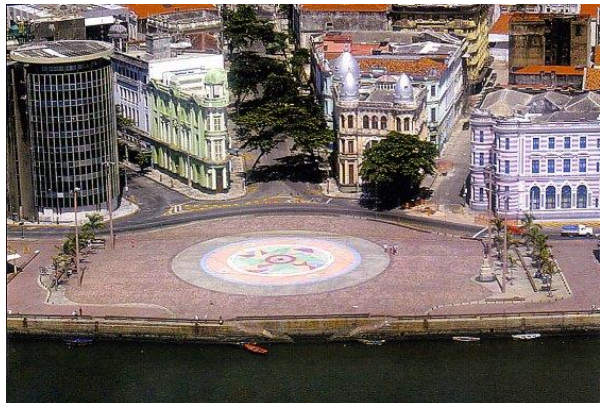
Outra anedota resgatada pelo filme é aquela que conta o médico da delegação brasileira, **Mário Trigo**. Depois da conquista, entusiasmado, ele abraçou efusivamente o rei **Gustavo**, da Suécia, que havia descido ao gramado. **Trigo** sabia bem quem estava abraçando, tanto que cumprimentou o monarca dizendo: “E aí, King, tudo bem?”

“O filme é uma declaração de amor aos nossos heróis”, desabafou emocionado o jornalista, fotógrafo, roteirista, produtor e diretor, José Carlos Asbeg. “Procurá-los foi o momento mais feliz de tudo”.



O mundo é uma bola

Recife e Salvador, sedes onde a bola “ferve”



Cidade do frevo (ver JDC # 14) e do maracatu, **RECIFE** tem muito o que mostrar aos amantes do futebol. Além de três tradicionais clubes (Sport, Náutico e Santa Cruz), existe uma eclética lista de atrações que inclui o Centro Histórico, passa pela orla de Boa Viagem e chega a áreas mais específicas, como os museus erguidos pela família Brennand. A capital pernambucana, entrecortada pelos braços dos rios Capibaribe e Beberibe, também é porta de entrada para outras belezas do estado: **Porto de Galinhas** e **Carneiros**, ao sul, e o arquipélago de **Fernando de Noronha**, a 1h30 de voo.

Interligado ao resto da cidade por inúmeras pontes, o bairro **Recife Antigo** apresenta um importante conjunto arquitetônico, grande parte reconstruído após a invasão holandesa, no fim do século 17. Na época, judeus perseguidos na Europa migraram para Recife e se estabeleceram na Rua dos Judeus, hoje **Rua do Bom Jesus**. Caminhando pela via, você conhece a antiga sinagoga local, que virou o **Centro Cultural Judaico**, a **Embaixada dos Bonecos Gigantes**, a **Torre Malakoff** (já funcionou como observatório marítimo e astronômico e, agora, abriga salas de exposições) e o **Paço do Frevo** (onde exposições interativas contam a história do frevo), na **Praça do Arsenal da Marinha**, além da **Feira do Recife Antigo**, que ocorre aos domingos. Ali pertinho, o recente processo de revitalização da zona portuária já trouxe o

Centro do Artesanato de Pernambuco e o **Museu Cais do Sertão – Luiz Gonzaga**. Ao redor da **Praça do Marco Zero** (foto), exposições de arte e exibições de filmes estão na programação do **Centro Cultural dos Correios**, do **Santander Cultural** e da **Caixa Cultural**.

Dali, barqueiros fazem a travessia para o **Parque das Esculturas de Francisco Brennand**, nos molhes. Uma estradinha ladeada por palmeiras imperiais dá acesso a um jardim de esculturas, no qual uma amazona rechonchuda, de Botero, é a primeira atração. A Pinacoteca reúne os principais tesouros: documentos do Brasil Império e 15 quadros de Frans Post, a maior coleção do pintor holandês no mundo. Outra coleção, espalhada pelo Castelo São João, reúne 3 mil armas e armaduras medievais.

Construído em 1630 pelos holandeses, o **Forte das Cinco Pontas** foi tomado pelos portugueses e reconstruído, em 1677, com pedras e óleo de baleia (nessa época ganhou seu formato atual, com quatro pontas). É sede do **Museu da Cidade do Recife**, que reúne mapas e fragmentos arqueológicos dos séculos 17 a 20.

Rodeado por casas coloniais e pela fachada da **Catedral de São Pedro dos Clérigos**, o **Pátio de São Pedro** é um rico reduto cultural. A casa nº 21 abriga o **Memorial Chico Science**, com vídeos e a discografia do músico, símbolo do manguebeat. O **Memorial Luiz Gonzaga** homenageia o Rei do Baião, enquanto o **Museu de Arte Popular** reúne trabalhos de Mestre Vitalino.

Na Praça da República, o **Palácio do Campo das Princesas**, sede do governo estadual, passa por restauro, que deve terminar no fim de 2014, e o **Teatro de Santa Isabel**, construído em 1851, pode ser visitado aos domingos. No antigo **Mercado de São José**, de 1875, lojas vendem redes, brinquedos e



produtos típicos, como carne de sol e castanhas de caju.

O **Carnaval** recifense é um dos mais tradicionais do país, com frevo, maracatu, caboclinho, ciranda, coco, samba e manguebeat. Os batuques ecoam em mais de 3 mil apresentações, puxadas por cerca de 500 agremiações. O auê começa em **Boa Viagem**, uma semana antes. No feriado, o Recife Antigo é o epicentro da festa. Na manhã de sábado, o desfile do bloco **Galo da Madrugada** inunda o lugar com mais de 1 milhão de pessoas. Na segunda, o Pátio do Terço (no bairro São José) recebe a **Noite dos Tambores Silenciosos**, homenagem aos escravos.

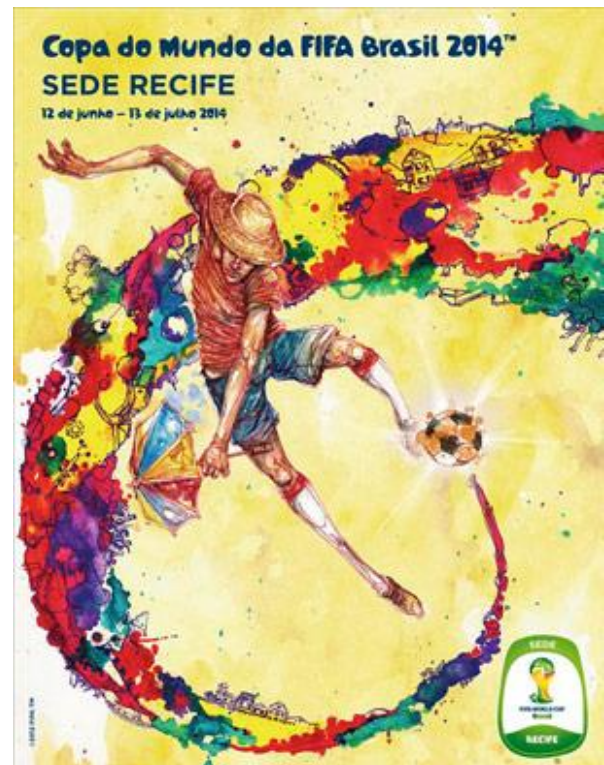
Em junho, muitos recifenses rodam 140 km até **Caruaru** para conferir a festa de **São João** mais famosa do estado. Mas quem fica se diverte nos arraiais do **Sítio da Trindade**, do **Parque Dona Lindu**, do **Pátio de São Pedro** e da Praça do Arsenal. As festas se estendem por todo o mês.



O estádio

Erguido do zero na região metropolitana de Recife, mais precisamente em São Lourenço da Mata, a cerca de 20 km. do Centro, a **Arena Pernambuco**, foi inaugurada com pomba em um amistoso entre Náutico e Sporting de Lisboa. O estádio tem capacidade para mais de 42 mil pessoas e foi construído ao longo de 30 meses, a partir de outubro de 2010. Possui características de arena multiuso e será usado pelo próprio Náutico, escolhido para mandar aqui os seus jogos durante os campeonatos estaduais e brasileiros. A obra, que teve um custo superior a meio bilhão de reais, segue o novo

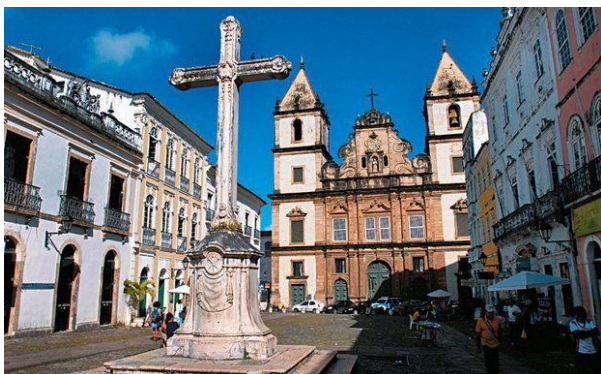
padrão mundial, que prioriza não só o conforto do público, mas também a readequação de seu entorno, na chamada Cidade da Copa, que deve ter restaurantes, um shopping center e condomínios residenciais. Na Copa do Mundo haverá 5 jogos, quatro na primeira fase (14, 20, 23 e 26 de junho) e um nas oitavas de final (29 de junho).



O pôster de Recife é repleto de movimento e cores e remete ao frevo, manifestação cultural típica do estado. Com uma sombrinha na mão, o passista realiza movimentos ágeis e leves, como as acrobacias dos jogadores, que fazem com a bola o mundo "ferver".

Como chegar

O Aeroporto de Recife fica em Jaboatão dos Guararapes, a 11 km do Centro da capital. Há ônibus para Boa Viagem e para o Centro. A Rodoviária, também no município vizinho, é ligada ao Centro por metrô. Quem vem de carro desde a Paraíba ou Alagoas acessa a cidade pela BR-101. Pelo sul, há também a opção de vir pela AL-101 margeando o litoral e, depois, pela PE-060, sempre movimentada.



Se o Centro Histórico, cheio de igrejas, ateliês e museus, é a alma de **SALVADOR**, a região da Avenida Tancredo Neves, com prédios de escritórios, shoppings e hotéis novos tornou-se o coração. Some então essa duas faces à influência africana e ao jeito alegre do soteropolitano e logo se obtém uma cidade cheia de energia, extravasada por seu povo: não é à toa que seu slogan é “Sorria, você está na Bahia”.

Símbolo de Salvador e referência na orla da Barra, o **Forte de Santo Antônio da Barra** ou **Farol da Barra** (1698) é uma das fortificações mais antigas do Brasil. Abriga o Museu Náutico da Bahia, que conserva louças, talheres e objetos pessoais dos mais de 400 naufragos do galeão português Sacramento, que afundou em 1668.

Patrimônio da Humanidade desde 1985, o Centro Histórico de Salvador, conhecido como **Pelourinho**, reúne igrejas dos séculos 17 e 18 e casarões que abrigam ateliês, lojas, museus, centros culturais, bares, restaurantes e pousadas. Em suas ladeiras, com calçamento pé de moleque, assim como ao redor de seus largos, espalham-se construções em estilo barroco português. À noite, o **Terreiro de Jesus** é o melhor lugar para sentar e curtir o clima local. Às terças-feiras, o cantor Gerônimo faz um tradicional show na Escadaria do Passo (Ladeira do Carmo); no verão, a banda Olodum ensaia no Largo do Pelourinho duas vezes por semana. O melhor é chegar ao Pelô de táxi, descer próximo ao Mercado Modelo, na Cidade Baixa, e subir pelo **Elevador Lacerda**, que ganhou novas cabines em 2013. Durante o trajeto de 20 segundos não há vista para

contemplar, mas lá do alto (73 m) veem-se o Mercado Modelo e a Baía de Todos os Santos. O **Mercado Modelo** foi construído em 1912, mas ganhou os contornos atuais na reforma de 1984, após vários incêndios. Tem o perfil pega-turista, com boxes que vendem roupas e artesanato a preços caros; a regra é pechinchar.

O **Palácio Rio Branco** foi uma das sedes do Governo Geral quando a Bahia era a capital do país, entre 1549 e 1763. A construção foi destruída após um bombardeio durante a República Velha, em 1912, e erguida em 1919. Fora do horário das visitas guiadas, você visita o térreo, mas perde os pontos altos do lugar: a Sala Pompeana, com afrescos dos séculos 19 e 20, e a Sala dos Espelhos, em estilo rococó.

A **Fundação Pierre Verger** expõe fotografias do cultuado artista franco-brasileiro, como retratos do universo afro-baiano em preto e branco. O **Museu Afro-Brasileiro** explora os orixás e a cultura africana por meio de vestimentas, esculturas, máscaras, instrumentos musicais e painéis de Carybé. Na **Fundação Casa de Jorge Amado** há objetos pessoais, manuscritos originais e painéis sobre os livros do escritor (ver JDC # 5).

Do lado de fora da **Igreja e Convento de São Francisco** (foto), o amplo largo com um cruzeiro convida a conhecer o templo, erguido com recursos do governo português e doações de fiéis. A fachada tem duas torres relativamente simples e um frontão mais elaborado. Na capela e no claustro, pinturas em quase 55 mil azulejos mostram a vida de São Francisco. A quantidade de ouro, a riqueza de detalhes e o tamanho fazem com que este seja considerado o principal representante do barroco da Bahia.

Um dos cartões postais do Pelourinho, a **Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos** tem belo conjunto de azulejos na capela e entalhes em madeira nos altares. Às terças-feiras, há missa acompanhada por atabaques e tambores, que remetem às celebrações típicas dos escravos.

A **Igreja do Senhor do Bomfim** leva o nome do padroeiro estadual e é símbolo do sincretismo religioso. A tradição da lavagem de sua escadaria é mantida até hoje. Outra marca registrada é a famosa fitinha do Bomfim: com 47 cm (o comprimento do braço direito da estátua de Cristo, no alta-mor), ela deve ser amarrada no pulso ou no grade do pátio, com duas voltas e três nós (um para cada pedido que, segundo a crença, se realiza quando a fita cai).

O restauro do **Solar do Unhão**, feito por Lina Bo Bardi nos anos 50 e 60, transformou a antiga fazenda da família Unhão (século 17) no **Museu de Arte Moderna**. À beira-mar, o conjunto reúne capela, casa-grande e senzala.

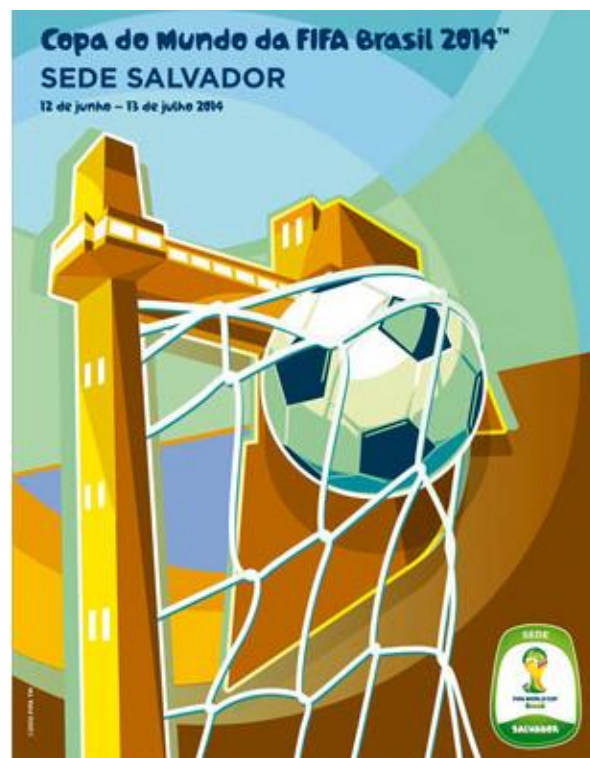
Com tantos museus e construções históricas, as **praias** não estão entre as melhores atrações da cidade. Mas, se a ideia é aproveitar um dia de sol na beira do mar, a orla de Salvador pode render um bom programa. As piscinas naturais de **Porto e Farol da Barra** são as mais badaladas. A do **Buracão** é o destino para quem quer sossego. **Itapuã** (imortalizada por Vinicius de Moraes, que morou aqui nos anos 70), **Stella Maris** e **Flamengo**, distantes do Centro, enchem muito nos fins de semana.



O estádio

Depois de dois anos e meio de obras, o maior palco do futebol baiano reabriu suas portas em 2013. Com casa cheia, Bahia e Vitória fizeram o grande clássico na **Arena Fonte Nova**, construída no mesmo local do antigo estádio Octávio Mangabeira, aberto em 1951 e demolido em 2010. Faz um ano sediou três jogos da Copa das Confederações (ver JDC # 23). Com três anéis, estrutura verticalizada e

todos os 50 mil lugares cobertos, o projeto ao mesmo tempo aproxima o torcedor do campo de jogo e lembra a antiga Fonte Nova, com a tradicional abertura na arquibancada para o Dique do Tororó. Na Copa do Mundo haverá 6 jogos, quatro na primeira fase (13, 16, 20 e 25 de junho), um nas oitavas (1º de julho) e um nas quartas de final (5 de julho).



O Elevador Lacerda transformado em trave de futebol e uma bola estufando a rede que o envolve aparecem em destaque no pôster de Salvador. Do alto das torres do primeiro elevador público do mundo é possível avistar outros diversos pontos turísticos da cidade, oferecendo, como pano de fundo, a vista espetacular da Baía de Todos-os-Santos. Esse imponente cartão postal é também um atalho que liga a cidade baixa, litorânea e histórica, à moderna e crescente cidade alta.

Como chegar

De carro, partindo do sul, pegue a BR-101 ou a BR-116 até Feira de Santana e, depois, a duplicada BR-324. Quem chega de avião percorre os 28 km entre o Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães e o Centro. A rodoviária da cidade, no bairro de Pernambuco, fica a 7 km do Centro.